



O CORPO DA MULHER NEGRA: A DUALIDADE ENTRE O PRAZER E O TRABALHO

Kleiton Linhares
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste

RESUMO:

A presente trabalho tem como objetivo compreender como se construiu historicamente, a construção do corpo da mulher negra, trazendo como viés a dualidade entre o corpo para o trabalho e o corpo para o prazer. A partir de pesquisa bibliográfica, debater o lugar que este corpo ocupava e se ainda ocupa, ora transitando como corpo do/no trabalho informal, mal remunerado, menosprezado e ora como corpo do prazer, do sangue quente, do sentido da “mulata” ou pela mulher boa de cama, para a satisfação sexual. Entendendo que em ambas as posições, tal construção histórica pode reforçar a violência e a inferiorização ao gênero feminino, e neste caso, a mulher negra. E como é possível desconstruir tal olhar para o corpo da mulher negra, ancorado pelas lutas sociais advindas do movimento negro e do movimentos feminista.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher Negra; corpo do trabalho; corpo do prazer; violência.

INTRODUÇÃO

A inquietação aqui proposta advém dos cursos de formação continuada ministrados por mim, para os professores e professoras da Rede Municipal de Ensino de Cascavel. Durante a formação, discutimos o corpo negro. Solicitei aos professores e professoras, que expressassem através da escrita, aquilo que lhes remetia as palavras corpo do homem negro e corpo da mulher negra. Nas palavras, em relação ao corpo da mulher negra apareceram: “mulher fogosa”; “boa de cama”; “mulata” e “ama de leite”; “empregada doméstica”; “trabalho braçal”. Tudo isso me causou um desconforto, pois, os imaginários de corpo transitavam entre noções superficiais e inferiorizantes em relação ao corpo da mulher negra.

Realização:



Apoio:

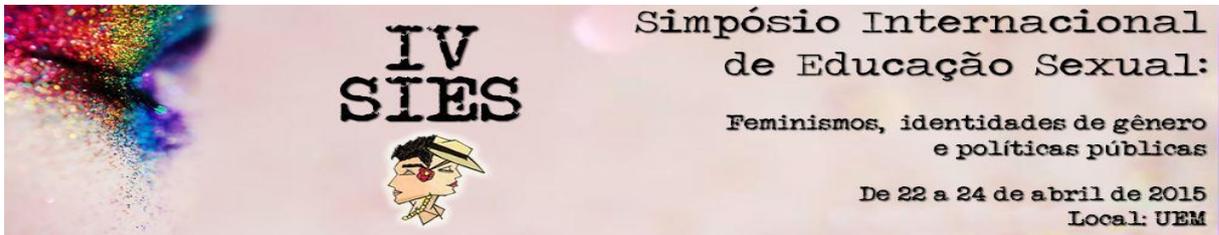


DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



Patrocínio:





Portanto, a discussão aqui proposta é sobre o corpo da mulher negra. Falar a respeito deste corpo, implica em pensar sobre o significado que o mesmo traduz e quais as noções que permeiam historicamente sobre este corpo.

Quando se olha para o corpo da mulher negra, é preciso entender que o mesmo vem permeado de valores e sentidos construídos historicamente e socialmente. Assim, pensar esse corpo, faz primeiramente necessário pensar que lugar o corpo negro ocupa em nossa sociedade.

Neste trabalho, estará em debate duas questões em relação ao corpo da mulher negra, que possivelmente duelam ou conversam entre si, sendo o corpo na perspectiva do trabalho e o corpo na perspectiva do prazer, partindo de uma análise de como foi construído este corpo, bem como olhar para tal, tendo como viés, tais perspectivas e as implicações oriundas dessa construção.

Ao retomarmos o processo histórico é possível perceber que as mulheres negras são, segundo Silva (2009, p.71)

Marcadas pelo estigma da escravidão, à elas permanecem destinados os trabalhos sem qualificação, trabalhos que dispensam inclusive a educação e a instrução, sobre elas pesa, além das diferenças de gênero, também as de raça. O que observamos é que com papéis sociais “naturalmente” definidos como adequados, os nexos explicativos da condição da mulher negra remetem, primeiramente à sua condição de escrava.

Sobre elas recam tanto as representações em relação ao uso de seu corpo enquanto objeto sexual como aquelas que o vêm adequado ao trabalho doméstico.

Tal enunciado possibilita perceber a demarcação dada a este corpo, que por vezes acaba sem referência, transitando entre o prazer e o trabalho. Ao longo do texto, o objetivo trazer as percepções que permeiam tais discussões em relação ao corpo da mulher negra.

COMPREENDENDO O CORPO E A DUALIDADE PROPOSTA

Realização:



Apoio:

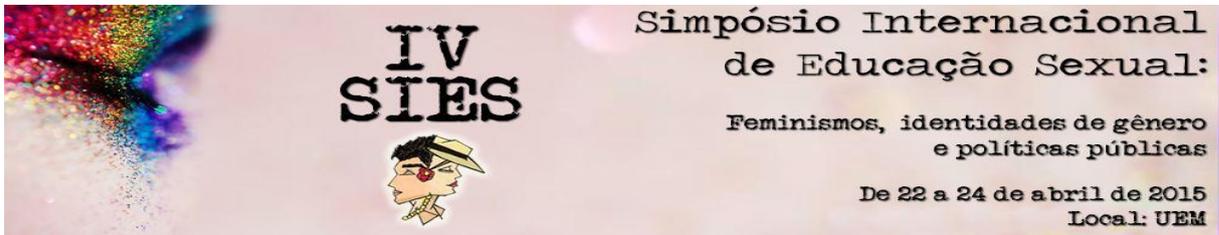


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





Para começar a discussão, é necessário partir de um questionamento: Como é visto o corpo da mulher negra em nossa sociedade? Se partirmos da perspectiva histórica, precisamos discutir primeiramente o lugar ocupado pelo corpo negro desde o processo de escravização.

Há uma distinção em relação a ocupação do corpo negro e do corpo branco, são lugares distintos e bem demarcados. Lélia Gonzalez demarca a tal distinção da seguinte forma:

O lugar natural do grupo branco dominante são moradias saudáveis, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes formas de policiamento que vão desde os feitores, capitães do mato, capangas, etc., até a polícia formalmente constituída. Desde a casa grande e do sobrado até os belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido o mesmo. Já o lugar natural no negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, invasões, alagados e conjuntos “habitacionais” (...) dos dias de hoje, o critério tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço (GONZALEZ, 1982, p. 15).

A demarcação do lugar ocupado pelo povo negro, já demonstra também a demarcação ocupada pelo corpo como forma de rechaçamento social, de exclusão e de exploração desse corpo.

Nesta perspectiva, ao pensar o corpo da mulher negra, este acaba ocupando o lugar de corpo que é submetido a um controle social, voltado para o trabalho forçado e para o sexo forçado, que pode ser entendido como tentativa de domesticação e/ou disciplinação do corpo da mulher negra. Para Michel Foucault, tal tentativa exerce

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. (...) ‘Adestra’ as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais – pequenas células separadas, autonomias orgânicas, identidades e continuidades genéticas, segmentos combinatórios (FOUCAULT, 1987).

Levando em consideração o processo histórico, desde da escravização, é possível perceber que o corpo negro foi submetido por vários processos de

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





aprisionamento, dilaceramento, inferiorizaçao e até mesmo de classificaçao, tudo isso de acordo com as vontades e interesses do “dono”.

Para reforçar a ideia de Hahner, onde a autora expressa que:

... a escrava de cor criou para a mulher branca das casas grandes e das menores, condiçoes de vida amena, fácil e da maior parte das vezes ociosa. Cozinhava, lavava, passava a ferro, esfregava de joelhos o chão das salas e dos quartos, cuidava dos filhos da senhora e satisfazia as exigências do senhor. Tinha seus próprios filhos, o dever e a fatal solidariedade de amparar seu companheiro, de sofrer com os outros escravos da senzala e do eito e de submeter-se aos castigos corporais que lhe eram, pessoalmente, destinados. (...) O amor para a escrava (...) tinha aspectos de verdadeiro pesadelo (HAHNER, 1978, p. 120 e 121).

Contraditório tal corpo, pois, transita entre feio e o belo, o nojento e o exótico, preguiçoso e o trabalhador. Assim, o corpo que trabalha, cozinha, cuida, limpa e amamenta, serve também para satisfazer os desejos sexuais dos homens e marcam o território como a mulher quente e boa de cama.

Tais consideraçoes são provenientes do processo de escravizaçao, porém a construçao feita historicamente, permearam ao longo da história, conforme nos aponta Carneiro:

O que poderia ser considerado histórias ou lembranças do período colonial permanecem vivas no imaginário social e adquirem novas roupagens e funções em uma ordem social supostamente democrática que mantém intactas as relações de gênero, segundo a cor e a raça instituídas no período escravista (CARNEIRO, 2005, p.23).

A história do Brasil se constituiu de uma miscigenaçao de diferentes grupos étnicos, geralmente permeados pela relação de poder e dominaçao. O corpo negro, de uma maneira geral, se construiu de tal modo.

Ao olharmos para o corpo da mulher negra, não se pode desconsiderar a construçao que se naturalizou em relação ao corpo, e vamos um pouco além, pois se faz necessário estender a discussao para as relações de gênero, de raça e de classe.

Realizaçao:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educaçao



Patrocínio:





Sueli Carneiro (2002, p.181) aponta o papel da mulher negra em sociedade e apresenta as particularidades que as envolve:

A condição de mulher e negra, o papel histórico que as mulheres negras desempenham nas suas comunidades, a comunidade de destino colocada para homens e mulheres negras pelo racismo e pela discriminação impedem que os esforços de organização das mulheres negras possam se realizar dissociados da luta geral de emancipação do povo negro.

Portanto, o ser mulher negra na sociedade brasileira se traduz na tríplice militância contra os processos de exclusão decorrentes da condição de raça, sexo e classe. Isto é, por força das contradições que o ser mulher negra encerra, recai sobre ela a responsabilidade de carregar politicamente bandeiras históricas e consensuais do movimento negro e do movimento de mulheres e somar-se ainda aos demais movimentos sociais voltados para a construção de outro tipo de sociedade, baseada nos valores da igualdade, solidariedade, respeito a diversidade e justiça social.

É possível perceber que o corpo em discussão, historicamente, passa de condição humana, para uma condição de corpo coisificado, pois servia e alimentava toda sorte de perversidade sexual que tinham seus senhores, sendo contraditória tal postura, ora satisfazendo o desejo sexual, ora desprezadas e servindo para o serviço braçal.

Pensando a respeito da sensualidade e da erotização a qual as mulheres negras foram submetidas historicamente, pode-se pensar então na construção do estereótipo da mulata. Tal estereótipo é conceituado por Angela Gilliam e Onik'a Gilliam (1995) o conceito de "mulata" é o símbolo de sensualidade. No Brasil, a "mulata" passou a ter notoriedade como se fosse a representação da brasilidade.

Outra perspectiva apontado por tal estereótipo é a posição ocupada pela mulher negra como predadora sexual, que seduz com seus encantos irresistíveis (CARNEIRO, 2002; GILLIAM; GILLIAM, 1995). Esta postura culmina em formas de violência sofrida pela mulher.

Já o contraste ou a dualidade do corpo, é o corpo da mulher negra que presta para o serviço, historicamente construído a partir da ama-de-leite, representada pela "mãe preta", sendo este um dos estereótipos mais frequentemente relacionado ao

Realização:



Apoio:



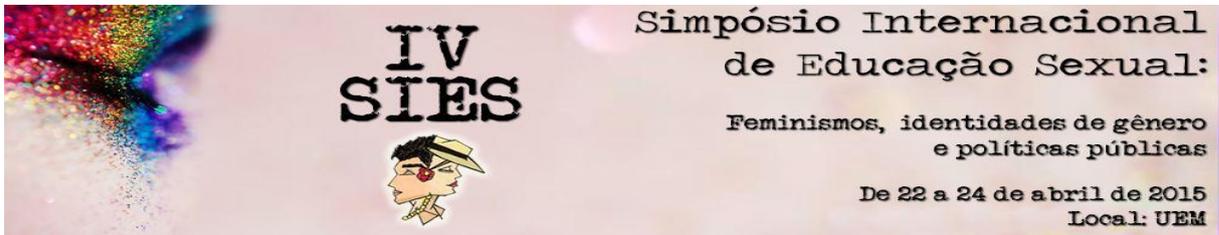
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



corpo da mulher negra. Segundo Gilliam e Gilliam (1995), a dualidade “Mãe Preta”/“mulata sensual” integram a dicotomia representada pela madona versus prostituta, imagens recorrentes às representações femininas. As autoras ressaltam tal contraposição das imagens, que serviriam a propósitos diferentes, sendo eles, a imagem da “mulata” justificaria o assédio e objetificação sexual e a “mãe preta” validaria a escravidão e a posição do trabalho e da perspectiva socioeconômica submissa da mulher negra.

A dualidade aqui apresentada perpassa por uma por uma perspectiva histórica, e não se pode ignorar que sempre houve resistência do povo negro, da mulher negra em relação às atrocidade por estes sofrida.

A luta das mulheres negras contra as manifestações de preconceito e de gênero, historicamente tem avançado, visando a garantir direitos em relação tanto ao povo negro, como à mulher negra.

Em relação ao que se refere à luta pela vida, há que se compreender tal processo como resistência. Neste sentido

[...] é a mulher negra anônima, sustentáculo econômico, afetivo e moral de sua família, aquela que desempenha o papel mais importante. Exatamente porque, com sua força e corajosa capacidade de luta pela sobrevivência, transmite a suas irmãs mais afortunadas, o ímpeto de não nos recusarmos à luta pelo nosso povo. Mas, sobretudo porque, como na dialética do senhor e do escravo de Hegel – apesar da pobreza, da solidão quanto a um companheiro, da aparente submissão, é ela a portadora da chama da libertação, justamente porque não tem nada a perder (GONZALEZ, 1982, p. 104).

Ser negra, mulher e pobre, construiu na mulher negra a necessidade de lutar, de resistir. Como forma de resistência, coube a mulher negra estar inserida na luta em busca de melhores condições, visibilidade e respeito em momentos históricos diferentes e distintos. Segundo Carneiro, (2001) é em meio a esta dinâmica que o processo de emancipação, de busca de igualdade de direitos das mulheres negras ganha força, estabelecendo novos desafios.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





Na tríade apresentada no correr do texto, a mulher negra necessitou transitar por vários movimentos de luta e sempre resistir.

CONSIDERANDO

A partir da leitura do referencial teórico, auxiliou no desenvolvimento do trabalho de formação continuada para professores e professoras da Rede Municipal de Cascavel - PR, contribuindo no sentido de desconstruir as naturalizações a respeito do corpo da mulher negra que foram levantadas pelo grupo com o qual eu trabalhei.

Compreender que este corpo foi construído transitando entre o prazer e o trabalho, é o passo inicial para desconstruir os preconceitos em relação ao corpo. Olhar o corpo como natural é libertá-lo das amarras históricas que se cristalizaram e ainda se cristalizam nos imaginários das pessoas. Assim, o corpo livre é um corpo que pode viver sem melindres.

Realização:



Apoio:

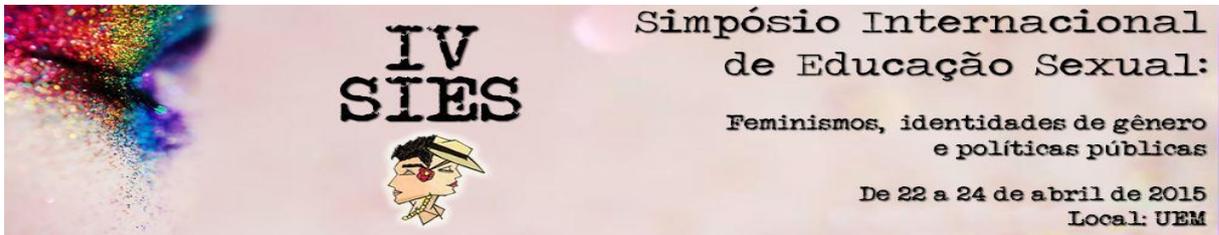


DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



Patrocínio:





REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Clara. Marxismo, feminismo e o enfoque de gênero. *Crítica Marxista*, nº 11. São Paulo: Boitempo, 2001.
- CARNEIRO, Sueli. **Ennegrecer al Feminismo**: La situación de la mujer negra en América Latina desde una perspectiva de género. In: *NQF*. Vol.24, nº2, 2005.
- CARNEIRO, Sueli e SANTOS, Thereza. **Mulher Negra**. São Paulo. Nobel/Conselho Estadual da Condição Feminina 1985.
- CORRÊA, Mariza. Sobre a invenção da mulata. *cadernos pagu* (6-7) 1996: pp.35-50.
- FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**. São Paulo. Ática. 1978.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____. **Poder - corpo**. In: *Microfísica do poder*. 2º ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.
- GIACOMINI, S.M. **Mulher e escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil**. Rio de Janeiro, Vozes, 1988.
- GILLIAN, Angela e GILLIAN, Onik´a. **Negociando a Subjetividade de Mulata no Brasil**. *Revista Estudos Feministas*. v. 3, n. 2. Rio de Janeiro: UFRJ, jul./dez. 1995.
- GONZALEZ, Lélia. (1988) **Nanny**. Brasília, UnB, Humanidades IV, pp. 23-25.
- _____. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. São Paulo, ANPOCS, 1983.
- _____. **A mulher negra na sociedade brasileira**. In: LUZ, Madel T. (Org). *O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1982.
- HARNER, June E. **A mulher no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- IANNI, Octavio. **Raças e Classes Sociais no Brasil**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1972.
- QUINCAS, Fátima. **Sexo à moda patriarcal: O feminino e o masculino na obra de Gilberto Freyre**. São Paulo : Global, 2008.
- SILVA, Maria Aparecida. **O Cotidiano das Mulheres Negras a partir de Suas Narrativas**: as experiências e formação de Araraquarenses. In: *Revista Fórum Identidades*, p. 69-79, 2009.
- SOUZA, Tereza Cristina Vital de. **Com a palavra o Movimento Negro: Contestando o racismo e desmistificando a democracia racial**. Recife: 1997.

Realização:



Apoio:

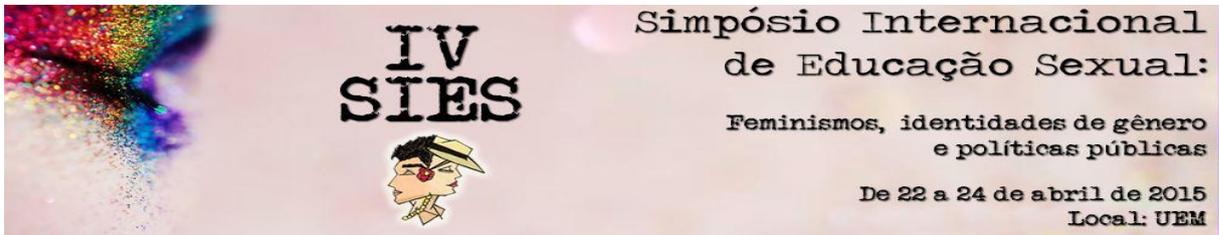


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





ABSTRACT

This study aims to understand how historically built, the construction of the body of the black woman, bringing as bias duality between the body to work and the body for pleasure. From literature, discuss the place that this body occupied and still occupies, now transiting as body / in informal employment, underpaid, undervalued and sometimes as body pleasure, hot blood, the meaning of "mulatto" or the good woman bed for sexual satisfaction. Understanding that in both positions, such historical construction can enhance the degradation and violence to females, and in this case, the black woman. And how can deconstruct about looking at the body of the black woman, anchored by social struggles arising from the black movement and feminist movements.

KEYWORDS: Black Women; body of work; body of pleasure; violence.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



Patrocínio:

